

Levantamento Agroflorestal no Morro da Mariquinha e Questão Social

Igor Luiz Rigoni Gonzaga de Moraes ⁽¹⁾, Antônio Augusto Alves Pereira ⁽²⁾

⁽¹⁾ Acadêmico do curso de Agronomia do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Santa Catarina. Rod. Admar Gonzaga, 1346, Bairro Itacorubi, Caixa Postal 476, CEP 88040-900, Florianópolis, SC, Brasil.

⁽²⁾ Professor Associado, Departamento de Engenharia Rural, Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Santa Catarina. Rod. Admar Gonzaga, 1346, Bairro Itacorubi, Caixa Postal 476, CEP 88040-900, Florianópolis, SC, Brasil.

Autor correspondente- Email: igor_bvp@hotmail.com

Resumo

A comunidade do morro da Mariquinha está localizada na ilha de Florianópolis/SC e faz parte do Maciço do Morro da Cruz. Neste local vive uma população de aproximadamente 2.000 pessoas, dentre as quais destaca-se Lourenço, um senhor que há mais de 20 anos vem cultivando uma agrofloresta no morro para evitar o aumento de moradias, gerar alimento e preservar o ecossistema. Atualmente não há qualquer garantia de que esta área continue a ser preservada. O objetivo desse trabalho foi identificar as espécies vegetais que fazem parte dessa agrofloresta e seus usos pela comunidade, bem como avaliar o potencial da área como local turístico. A metodologia utilizada foi a realização de visitas à área para identificação das espécies vegetais, com registro em fotos, coleta de informações de uso e entrevistas abertas com moradores da comunidade. Os resultados obtidos revelam que há predominância de espécies das famílias Myrtaceae e Lauraceae e que as finalidades citadas pelos moradores incluem uso alimentar, medicinal, ornamental, como madeira, lenha e utilitário. Também foi possível perceber o anseio dos moradores em transformar o local em uma rota turística, criando trilhas que incluam o belo mirante existente no ponto mais alto da comunidade. Os moradores acreditam que com o apoio do poder público e a divulgação da iniciativa para a população da cidade de Florianópolis será possível promover o desenvolvimento local e a quebra de preconceitos negativos associados às pessoas que moram em morros.

Palavras-chave: Agrofloresta, educação ambiental, preservação ambiental.

Agroforestry posing in Morro da Mariquinha and Social Issues

Abstract

The community named “Mariquinha” is located on the island of Florianópolis / SC and is part of the called “Maciço Morro da Cruz”. In this place lives a population of about 2000 people, among them stands out Mr. Lourenço, a man who has for more than 20 years

cultivating an agroforestry on the hill to avoid the invasion of housing and preserve the forest. The aim of this study was to identify the plant species that are part of this agroforestry and their use by the population and to assess the potential of the area to become a tourist site to promote improvement in the income of the population, break of paradigms associated with people living in hills and preservation of the ecosystem. The methodology used was first visiting the area and collect data that was later organized and analyzed in spreadsheets and notebooks. The results show that there is a predominance of species of Myrtaceae and Lauraceae families. It was also possible to obtain results on the cravings of residents in turn the site into a tourist route model, environmental education, recreation area and livelihoods. Residents believe that the action of the government is able to strengthen these requests and promote development to the requests and desires of the community.

Key words: Agroforestry, environmental education, environmental preservation.

Introdução

A comunidade da Mariquinha está localizada na ilha de Florianópolis, SC, e faz parte do Maciço do Morro da Cruz, com uma população de aproximadamente 2.000 pessoas. Sua origem teve início em 1938, com ocupação por pessoas de baixa renda, em uma área de desmatamento. A população aumentou nas décadas de 60 a 80, quando depois de fortes chuvas na região de Lages, SC, o vereador Esperidião Amim adquiriu o terreno e o disponibilizou para algumas famílias construírem suas moradias. Os novos habitantes tinham sua origem no campo e possuíam o costume de cultivar várias espécies alimentícias em morros, onde faziam suas roças.

Na década de 90 ocorreu um confronto entre polícia e moradores devido à ocupação irregular do local e ao crescimento desordenado; muitas pessoas, assustadas, foram embora e abandonaram suas casas, as quais, conforme iam sendo desocupadas, foram demolidas num total de mais de 30 casas. O Sr. João Lourenço da Silva, conhecido por Tio Loro, permaneceu no local e tornou-se uma referência para a população que oferecia resistência as ações de desocupação. Morador da comunidade e trabalhador da FLORAM (Fundação Municipal do Meio Ambiente de Florianópolis) iniciou a partir de 1994 o plantio de árvores e espécies agrícolas em geral no local das casas demolidas. Segundo informações do Sr. Lourenço, as mudas foram obtidas em sua grande maioria do Horto Florestal no bairro Córrego Grande e as demais coletadas na mata do Morro do Mocotó, também localizado no maciço do Morro da Cruz.

Por 22 anos o Sr. Lourenço cultivou a área e conservou várias espécies alimentícias e medicinais que serviram para uso e sustento de sua família e da população local. O cuidado com as espécies introduzidas impediu o aumento da construção de residências, trazendo como recompensa uma agrofloresta estabelecida. Atualmente com 61 anos, o Sr. Lourenço deseja voltar para sua terra natal, a cidade de Lages, o que poderá ocasionar a ocupação da atual agrofloresta com novas moradias. Para que o trabalho feito não se perca devido à sua importância para a preservação ambiental do Maciço do Morro da Cruz, os moradores estão solicitando que a área passe a ser um patrimônio da comunidade, vislumbrando também um futuro aproveitamento do potencial turístico, cultural e social.

Um exemplo de caso semelhante de grande repercussão no Brasil está na cidade do Rio de Janeiro, onde o músico Mauro Quintanilha e um amigo começaram a retirar resíduos do morro do Vidigal, que tinha aspecto de um lixão. Começaram a plantar espécies alimentícias, criaram hortas e trilhas e hoje o lugar é chamado de parque Sitiê, com extensão de 8,5 mil m². A comunidade usufrui dos alimentos ali cultivados, e ajuda na manutenção do local, que virou atração turística internacional. O slogan para a divulgação do trabalho é “do lixo ao luxo”, pois houve melhora da condição social e econômica de toda a comunidade além de possibilitar a união da população em torno da iniciativa. Esta ação tornou-se um modelo para inspirar comunidades a replicar esta e outras iniciativas de conservação aliada à urbanização. Além dos iniciadores da ação no local, também houve apoio da prefeitura do Rio de Janeiro com projetos, criação de Unidade de Preservação Permanente (UPP), consolidação de trilhas e apoio ao turismo (MORAES, 2014).

Na região do Maciço do Morro da Cruz há 18 comunidades em aproximadamente 150 hectares, em sua maioria cobertos por vegetação secundária, com potencial para gerar emprego e renda por meio da exploração turística, projetos de horto comunitário e educação ambiental, assim como ocorre no Vidigal. Embora seja circundada por bairros de classe média e alta, é considerada região de periferia pela precariedade de infraestrutura.

O reconhecimento do potencial da agrofloresta da Mariquinha pelo poder público vai ao encontro da necessidade de preservar a vegetação local para a estabilização da encosta evitando a erosão e a construção de novas habitações, além de proporcionar geração de renda pela comercialização de alimentos saudáveis que podem ser ali produzidos. Constata-se necessidade da intervenção Prefeitura Municipal de Florianópolis em uma ação que disponibilize a área da agrofloresta para a comunidade, que é contígua ao Parque Natural Municipal Do Morro da Cruz. Segundo Machado, (2004) este parque

representou um grande avanço, pois, além de proteger a vegetação, criou oportunidades para as comunidades vizinhas.

Conforme Nair, (1991), a agrofloresta é estrutural e funcionalmente mais complexa que a monocultura, pois contempla árvores de uso múltiplo, arbustos, herbáceas e trepadeiras adequados aos ambientes, que se desenvolvem com pouco uso de insumos, envolvem valores socioculturais mais que outros sistemas de plantio e protegem os recursos naturais. As áreas de agrofloresta são ricas em recursos vegetais tornando-se um importante sistema de produção que pode satisfazer as necessidades de uma ou mais famílias (MELÉNDEZ, 1996). Os Sistemas Agroflorestais (SAFs) também são utilizados pela fauna dos corredores ecológicos devido à abundância de alimentos, que por sua vez é capaz de dispersar sementes e colaborar com a regeneração das florestas e expansão destas áreas (GASCON et al., 1999; MORAES-ORNELLAS et al., 2009; PERES, 2005). Chagas et al., (2012) dizem que a biodiversidade local é favorecida pelo cultivo de diferentes espécies na agrofloresta, contribuindo com a manutenção e equilíbrio entre as populações.

Diante da importância da agrofloresta para a história cultural da comunidade, esta pesquisa objetivou identificar as espécies presentes na agrofloresta da Mariquinha e seus usos pela população, avaliar o potencial turístico da área e reunir elementos que justifiquem a intervenção do poder público.

Material e métodos

O trabalho foi realizado na cidade de Florianópolis, SC, no mês de maio de 2016, na comunidade do Morro da Mariquinha, no Maciço do Morro da Cruz, situada entre as coordenadas 27°34'36" S e 27°36'46" S e 48°32'53" W e 48°31'20" W. A comunidade tem início na cota altimétrica 5m, na Av. Mauro Ramos e ponto mais elevado na cota 188m ((MACHADO, 2004). A agrofloresta estudada possui aproximadamente 3.000 m². A Figura 1 ilustra a posição da comunidade na ilha de Santa Catarina e o croqui da agrofloresta.

A vegetação da área é classificada como Floresta Ombrófila Densa do bioma Mata Atlântica, que se caracteriza por ser floresta tropical úmida, de formação secundária. A ocupação trouxe devastação da mata primária, restando apenas a mata secundária em diferentes fases de sucessão ecológica. A vegetação primária subsiste apenas em alguns locais da ilha de Santa Catarina, como na lagoa do Peri (WAGNER, 2010).

A formação geológica vem do período proterozóico superior, sendo caracterizada pelo granito da ilha/Florianópolis, de cor rósea a cinza clara, de granulação fina a grosseira, equigranular, geralmente isótopo, localmente com deformação cataclástica superimposta (WAGNER, 2010). O solo se caracteriza por ser Podzólico vermelho-amarelo álico, com argila de atividade baixa a moderada, de textura média e média/argilosa, com fase rochosa associado a Podzólico vermelho-escuro álico de argila de baixa atividade a moderado, textura argilosa com relevo forte ondulado e ondulado (WAGNER, 2010).



Figura Erro! Nenhuma seqüência foi especificada. – Localização da agrofloresta na Comunidade da Mariquinha. Em vermelho está a área da agrofloresta, em azul as trilhas percorridas no levantamento das espécies e em laranja a casa do Sr. Lourenço e o mirante existente no ponto mais alto. Fonte: Google imagens

A coleta dos dados foi realizada com o auxílio de uma tabela para cadastramento das plantas (Quadro 1), que contempla a família, nome científico, nome popular, o hábito de crescimento da planta (arbustivo, herbáceo, arbóreo, trepadeira), usos atribuídos (alimentícia, medicinal, ornamental, lenha, madeira, e utilitários - produção de sabão, sisal ou cabo de ferramentas) e o centro de origem, que para todas as espécies foi pesquisado na literatura.

Quadro 1- Exemplo da planilha utilizada para coleta dos dados das plantas cultivadas e suas características

Família	Nome científico	Nome popular	Hábito	Usos	Centro de origem
Agavaceae	<i>Agave sisaliana</i>	Agave, sisal	Arbustivo	Utilitário	México

Fonte: Elaborado pelo autor

As visitas ao local para coleta dos dados e levantamento de informações foram feitas com a participação do Sr. Lourenço acompanhando a equipe de identificação, composta pelo autor e colaboradores. O percurso foi feito seguindo as trilhas existentes no local. Além da identificação das espécies vegetais, pesquisou-se a história da agrofloresta, os usos atribuídos às espécies e o interesse da comunidade por elas. As plantas já conhecidas pela equipe foram identificadas e catalogadas com o manual de campo “Árvores do Sul, Plantas Alimentícias Não Convencionais”. O procedimento com as espécies desconhecidas e as que geraram dúvidas, foi a coleta de material para a identificação botânica, por meio de pesquisa na literatura científica. Além da identificação botânica, foi realizada também nessa ocasião uma entrevista sobre possibilidades para o futuro, envolvendo a agrofloresta e a comunidade.

Resultados e discussão

A família Myrtaceae é aquela com maior número de indivíduos na composição da agrofloresta (7 espécies) seguido da família Lauraceae (3 espécies). As duas famílias dominam na composição de espécies (Apêndice 1). Wagner (2010) dividiu a vegetação da ilha de Florianópolis em dois grupos: Vegetação Litorânea e Floresta Ombrófila Densa. Na vegetação da Floresta Ombrófila Densa o autor descreve que nas encostas dos morros as espécies de maior ocorrência são das famílias Myrtaceae e Lauraceae, confirmando os resultados encontrados. Das 67 espécies encontradas, 22 foram citadas como plantas de mais uso pela comunidade (32%). Segundo o relato dos moradores, a principal utilização das espécies é para alimentação (44%), seguido do uso medicinal (16%), lenha (15%), ornamental (9%), madeira (8%) e utilitários (8%).

O fato de o uso alimentício aparecer com muito mais citações pela comunidade, destaca a importância da agrofloresta para a segurança alimentar. É importante ressaltar que o relato dos moradores sobre os usos das espécies deu-se a partir do conhecimento que

eles têm sobre a agrofloresta, não expressando o amplo potencial que essas plantas possuem. É possível inferir que se houver um aprofundamento de estudos com a comunidade, o uso aumentará. Um exemplo é o uso medicinal, já que muitas espécies existentes no local não foram citadas para este uso, embora possuam um grande potencial para tal, como por exemplo: manjeriço, louro, banana, gengibre, chuchu e também outras, utilizadas na forma de infusão de folhas, compressas, tinturas, etc. Há potencial para o plantio de mais espécies, agregando conhecimento e maior aproveitamento da área e disponibilizando alimentos para a comunidade.

Beretta, (2010) fez um levantamento dos quintais agroflorestais de comunidades de Imbituba, estado de Santa Catarina, no qual relata que os moradores cultivam quintais agroflorestais por gerações para a subsistência e possuem relevante conhecimento empírico sobre as plantas, para fins medicinais e alimentícios. O estudo citado reforça a ideia de que a inclusão da agrofloresta no Morro da Mariquinha pode ser de grande importância para manutenção da comunidade e conservação do entorno. O apoio do poder público deve contribuir para que essa prática continue, incentivando novas comunidades a investir na valorização da biodiversidade e da cultura local.

Também há potencial para transformar o local em uma área de lazer para a comunidade, que não possui uma área para esta finalidade. A comunidade da Mariquinha tem grande potencial para seguir o modelo implantado no Morro do Vidigal, partindo da agrofloresta e incorporando em uma trilha o mirante existente no ponto mais alto, a partir do qual se desfruta de uma vista panorâmica do centro de Florianópolis, das pontes e do canal entre a ilha e o continente.

Atualmente as pessoas têm uma visão de que no morro não existe cultura, somente violência e tráfico. Isso interfere no cotidiano dos moradores, que quando saem em busca de emprego ou mesmo em conversas informais com pessoas de fora da comunidade, ao relatar onde moram, muitas vezes são tratadas com preconceito. Com a adequação do local para o turismo, as pessoas poderão conhecer melhor a comunidade e desfrutar da vista magnífica, rompendo a barreira do preconceito, permitindo melhores oportunidades para os moradores e principalmente um futuro melhor para as crianças.

O Morro do Vidigal, que antes era apenas uma favela perigosa, com a inclusão social de projetos e do turismo conta hoje com hotéis, hostels, restaurantes, bares e tornou-se um cartão postal da cidade do Rio de Janeiro, recebendo pessoas que decidiram morar lá. São mudanças possíveis, que dependem da ajuda do poder público para que a

comunidade do morro da Mariquinha possa prosperar e virar referência para outras comunidades.

Entre os anos de 1970 a meados de 1980 a comunidade era bem organizada, com reuniões e mutirões, principalmente na reivindicação de benfeitorias. Desde a desocupação nos anos 90, a creche Centro de Educação Infantil Cristo Redentor é a única instituição que atua fortemente na comunidade com atividades de educação ambiental. Os relatos são de que há necessidade de mais espaço para projetos comunitários, para o que a disponibilização da área da agrofloresta seria de grande valor, visto que é um espaço onde as crianças podem conviver e aprender sobre origem dos alimentos, plantio, manejo, proteção e importância do meio ambiente.

Considerações finais

A agrofloresta conta com várias espécies importantes para uso da comunidade da Mariquinha, muitas dessas com mais de 20 anos, com enorme dossel, produzindo quantidade significativa de alimentos.

A agrofloresta é de fundamental importância para a finalidade educacional e de lazer das crianças e como espaço para a comunidade, visto que não existe outro local adequado.

O atrativo do mirante e a linda agrofloresta permitem a organização de trilhas, confirmando o potencial turístico.

A conservação da agrofloresta tem potencial para agregar valor tanto para a comunidade como para Florianópolis, ao contribuir com a preservação da vegetação do morro e estabilização da encosta contra deslizamentos, amenização da temperatura, permitir novas oportunidades de geração de renda para os moradores, além de poder ser exemplo para outras comunidades de ilha.

Conclui-se que é de fundamental importância a continuação desse processo de conservação da agrofloresta, levando adiante a solicitação de que o poder público disponibilize a área para a comunidade, de modo a permitir maiores oportunidades a quem vive no Maciço do Morro da Cruz, área que tem historicamente sido esquecida pelo município de Florianópolis.

Referências

- BERETTA, M. E. **A Flora dos quintais agroflorestais de Ibiraquera, SC: Expressões ambientais e culturais**, 2010.
- CHAGAS, J. C. N. DAS et al. **Importância dos Quintais Agroflorestais na Conservação de Plantas Aromáticas e Condimentares em Duas Comunidades de Várzea no Amazonas**. VI Encontro Nacional da Anppas, Belém - PA - Brasil. **Anais**. 2012
- GASCON, C. et al. Matrix habitat and species richness in tropical forest remnants. v. 91, p. 223–229, 1999.
- KUMAR, B. M.; NAIR, P. K. R. The enigma of tropical homegardens. **Agroforestry Systems**, v. 61, p. 135–152, 2004.
- MACHADO, C. X. Aspectos Socioambientais na comunidade do Morro da Mariquinha em Florianópolis/SC. **R.RA'E GA**, v. 8, p. 123–134, 2004.
- MELÉNDEZ, L. Estrategia para el establecimiento de huertos caseros en asentamientos campesinos en el area de conservación de Tortuguero, Costa Rica. **Agroforesteria en las Américas**, v. 9, n. 3, p. 25–28, 1996.
- MORAES, C. M. DOS S. **A elaboração da Favela Ecológica: Interseções entre Turismo e Meio em Ambiente em Favelas Cariocas** ANAIS: XI Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, 2014.
- MORAES-ORNELLAS, V. S.; ORNELLAS, R. Aves e Mamíferos em Agroflorestas da Ecovila Goura Vrindávana , Situada na Zona de Entorno do Parque Nacional da Serra da Bocaina , Paraty - RJ. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 4, n. 2, p. 224–227, 2009.
- NAIR, P. K. R. State-of-the-art of agroforestry systems. **Forest Ecology and Management**, v. 45, p. 5–29, 1991.
- PERES, C. A. Porque precisamos de megareservas na Amazônia. **Megadiversidade**, v. 1, n. 1, p. 174–180, 2005.
- PIPERNO, D.R.; PERSALL, D. M. The origins of agriculture in lowland neotropics. **Academic Press, San Diego**, 1998.
- STEPPLER, H. A.; NAIR, P. K. R. **A decade of development, ICRAF: Nairobi**. [s.l: s.n.].
- WAGNER, R. **Atlas do Município de Florianópolis**, 2010. Disponível em: <https://parquemunicipalmaciodacosteira.files.wordpress.com/2010/05/atlas_ipuf.pdf>

TERMO DE CONSENTIMENTO (ANUÊNCIA PRÉVIA)

Meu nome é Igor Luiz Rigoni Gonzaga de Moraes, estudante de graduação da Universidade Federal de Santa Catarina, e estou realizando o meu Trabalho de Conclusão de Curso sobre a agrofloresta presente no Morro da Mariquinha, no Maciço do Morro da Cruz, em Florianópolis – SC. Comigo também participa do trabalho o professor Antonio Augusto Pereira Alves e o aluno Jefferson Pietroski Motta.

O objetivo desse trabalho é realizar uma identificação das plantas presentes na agrofloresta para que, além de gerar conhecimento também lhes ajudem com a razão social na questão de agregar o espaço a comunidade. Necessitarei de visitar o local, tirar fotos, se necessário coletar algumas plantas ou frutos para identificação em laboratório e conversar com os envolvidos sobre histórico e conhecimento.

É importante ressaltar que esse trabalho não tem nenhum fim lucrativo, e o objetivo é de gerar conhecimento e lhes ajudar com o reconhecimento da área e poder gerar um documento para apresentar à prefeitura, podendo também ser publicado em revistas ou ser usado por outros pesquisadores da Universidade.

Se houver alguma dúvida é só entrar em contato. O telefone e endereço são: Rodovia Admar Gonzaga, 1346, Itacorubi, Florianópolis – SC, Departamento de Engenharia Rural do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Santa Catarina – Campus Itacorubi, CEP 88010-970 / Telefone 48) 3721-7471.

Entrevistado: Depois de estar ciente da pesquisa e de como será feita, podendo desistir ou não participar sem prejuízo a mim e como os resultados serão usados, eu concordo em participar.

Entrevistado

Entrevistador

Tabela 1 - Tabela fitossociológica. Identificação das espécies: família, nome científico e popular, hábito, utilizações e centro de origem

Família	Nome Científico	Nomes populares	Hábito	Usos	Centro de origem*
Agavaceae	<i>Agave sisaliana</i>	Agave; sisal	Arbustivo	Utilitários	México
Alliaceae	<i>Allium fistulosum L.</i>	Cebolinha-verde	Herbáceo	Alimentícia	Iraque
Amaranthaceae	<i>Alternanthera brasiliana (L.)</i>	Penicilina; perpétua-do-Brasil	Arbustivo	Ornamental e medicinal	Brasil
Anacardiaceae	<i>Anacardium occidentale L.</i>	Cajueiro	Arbóreo	Alimentícia	Nordeste do Brasil
Anacardiaceae	<i>Mangifera indica L</i>	Mangueira	Arbóreo	Alimentícia	Índia
Anacardiaceae	<i>Schinus terebinthifolia Raddi</i>	Aroeira-vermelha aroeira-do-campo	Arbóreo	Madeira e lenha	Brasil
Annonaceae	<i>Rollinia spp.</i>	Araticum	Arbóreo	Alimentícia	Cerrado do Brasil
Araceae	<i>Xanthosoma sagittifolium (L.)</i>	Taiá	Herbáceo	Alimentícia	Sul/centro da América
Arecaceae	<i>Euterpe edulis</i>	Jussara	Arbóreo	Alimentícia	Mata Atlântica
Arecaceae	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	Jerivá	Arbóreo	Alimentícia	Mata Atlântica
Asparagaceae	<i>Sansevieria trifasciata</i>	Espada-de-são-jorge	Herbáceo	Ornamental	África
Asphodelaceae	<i>Aloe arborenses</i>	Babosa	Herbáceo	Medicinal	África
Asteraceae	<i>Mikania laevigata</i>	Guaco	Trepadeira	Medicinal	Sul do Brasil
Brassicaceae	<i>Brassica Oleraceae L.</i>	Couve	Herbáceo	Alimentícia	Iraque
Boraginaceae	<i>Cordia americana (L.)</i>	Guajuvira	Arbóreo	Utilitários e madeira	Mata Atlântica
Bromeliaceae	<i>Ananas comosus (L.)</i>	Abacaxi	Herbáceo	Alimentícia	Brasil-Paraguai
Cactaceae	<i>Cereus</i>	Tuna	Arbóreo	Alimentícia	Brasil-Paraguai

	<i>Hildmannianus</i>				
Família	Nome Científico	Nomes populares	Hábito	Usos	Centro de origem*
Caricaceae	<i>Carica papaya L.</i>	Mamoeiro	Arbóreo	Alimentícia e medicinal	Brasil
Celastraceae	<i>Maytenus ilicifolia</i>	Espinheira-santa	Arbóreo	Medicinal	Mata atlântica
Combretaceae	<i>Terminalia catappa</i>	Amendoeira	Arbóreo	Ornamental	Índia
Convolvulaceae	<i>Ipomoea batatas (L.)</i>	Batata-doce	Trepadeira/	Alimentícia	Andes
Cucurbitaceae	<i>Sechium edule</i>	Chuchu	Herbáceo	Alimentícia	América Central
Euphorbiaceae	<i>Aleurites moluccana</i>	Nogueira	Arbóreo	Utilitários e medicinal	China
Euphorbiaceae	<i>Manihot esculenta Grantz</i>	Aimpim; mandioca	Arbóreo	Alimentícia	América do Sul
Euphorbiaceae	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	Sibipiruna	Arbóreo	Ornamental e madeira	Brasil
Fabaceae	<i>Inga affinis DC</i>	Ingá	Arbóreo	Madeira	Brasil
Fabaceae	<i>Caesalpinia leiostachya</i>	Pau-ferro	Arbóreo	Ornamenta e lenha	Mata atlântica
Lamiaceae	<i>Ocimum basilicum</i>	Manjericão	Herbáceo	Alimentícia	Ásia
Lamiaceae	<i>Plectranthus barbatus Andrews</i>	Falso-boldo	Arbustivo	Medicinal	Índia
Lamiaceae	<i>Rosmarinus officinales</i>	Alecrim	Herbáceo	Medicinal	Mediterrâneo
Lauraceae	<i>Laurus nobilis L.</i>	Louro	Arbóreo	Alimentícia	Ásia
Lauraceae	<i>Ocotea pulchella</i>	Canela-lageana; canelinha	Arbóreo	Utilitários e lenha	Sul do Brasil

Lauraceae	<i>Persea americana</i>	Abacateiro	Arbóreo	Alimentícia e lenha	América Central
Lythraceae	<i>Cuphea cathagenensis</i>	Sete-sangrias	Herbáceo	Medicinal	Centro-Sul da América
Malpighiaceae	<i>Malpighia emarginata</i>	Acerola	Arbóreo	Alimentícia	Centro-Sul da América
Família	Nome Científico	Nomes populares	Hábito	Usos	Centro de origem*
Malvaceae	<i>Ceiba speciosa Ravenna</i>	Algodoeiro; paineira	Arbóreo	Lenha, ornamental e utilitários	América do Sul - Brasil
Malvaceae	<i>Hibisco rosa-sinensis L.</i>	Hibisco	Arbustivo	Ornamental	Ásia
Malvaceae	<i>Sida rhombifolia L.</i>	Guanxuma	Herbáceo	Utilitários e medicinal	América do Sul - Brasil
Meliaceae	<i>Cabralea canjerana</i>	Canjerana	Arbóreo	Madeira e ornamental	Brasil
Meliaceae	<i>Cedrela fissilis</i>	Cedro	Arbóreo	Madeira e lenha	Mata atlântica
Moraceae	<i>Artocarpus heterophyllus</i>	Jaqueira	Arbóreo	Alimentícia	Ásia
Moraceae	<i>Morus nigra L.</i>	Amoreira	Arbóreo	Alimentícia e madeira	Ásia
Musaceae	<i>Musa spp.</i>	Banana	Arbustivo	Alimentícia	China
Myrtaceae	<i>Campomanesia xanthocarpa</i>	Guabirobeira	Arbóreo	Alimentícia e lenha	Brasil
Myrtaceae	<i>Eucalyptus robusta</i>	Eucalipto	Arbóreo	Madeira e medicinal	Austrália
Myrtaceae	<i>Eugenia Brasiliensis</i>	Grumixame	Arbóreo	Utilitários e alimentícia	Mata atlântica
Myrtaceae	<i>Eugenia uniflora L.</i>	Pitangueira	Arbóreo	Alimentícia	Brasil
Myrtaceae	<i>Plinia Trucniflora</i>	Jabuticabeira	Arbóreo	Alimentícia	Brasil

Myrtaceae	<i>Psidium cattleianum</i>	Araçazeiro	Arbóreo	Alimentícia	Mata atlântica
Myrtaceae	<i>Psidium guajava L.</i>	Goiabeira	Arbóreo	Alimentícia, lenha, medicinal	América do sul - Brasil
Passifloraceae	<i>Passiflora edulis Sims</i>	Maracujá	Trepadeira	Alimentícia e medicinal	América tropical
Família	Nome Científico	Nomes populares	Hábito	Usos	Centro de origem*
Rosaceae	<i>Eriobotrya japonica</i>	Nesperêira	Arbóreo	Alimentícia e lenha	Ásia
Poaceae	<i>Cymbopogon citratus</i>	Cana-cidreira; capim-limão	Herbáceo	Medicinal	Ásia
Poaceae	<i>Saccharum officinarum L.</i>	Cana-de-açúcar	Herbáceo	Alimentícia	Ásia
Poaceae	<i>Saccharum caiennense</i>	Cana-caiana	Herbáceo	Alimentícia	Ásia
Rubiaceae	<i>Coffea arabica L.</i>	Cafezeiro	Arbustivo	Alimentícia e lenha	Africa
Rutaceae	<i>Citrus latifolia (L)</i>	Taiti	Arbóreo	Alimentícia e lenha	Ásia
Rutaceae	<i>Citrus reticulada</i>	Bergamoteira	Arbóreo	Alimentícia e lenha	Ásia
Rutaceae	<i>Citrus sinencis (L)</i>	Laranja	Arbóreo	Alimentícia e lenha	Ásia
Solanaceae	<i>Capsicum spp</i>	Pimenta	Arbustivo	Alimentícia	Brasil
Solanaceae	<i>Lycopersicon esculentum</i>	Tomate	Herbáceo	Alimentícia	Américas
Tropeoláceas	<i>Tropaeolum majus</i>	Capuchinha	Herbáceo	Alimentícia	América do sul
Urticaceae	<i>Urera baccifera</i>	Urtigão	Herbáceo	Utilitários	América central-sul
Verbenaceae	<i>Duranta erecta L.</i>	Pingo-de-ouro	Arbustivo	Ornamental	América central
Vitaceae	<i>Vitis spp.</i>	Uva	Trepadeira	Alimentícia	América do Norte
Zingiberaceae	<i>Zingiber officinale</i>	Gengibre	Herbáceo	Alimentícia	Ásia

ANEXO 2 – Imagens da Agrofloresta

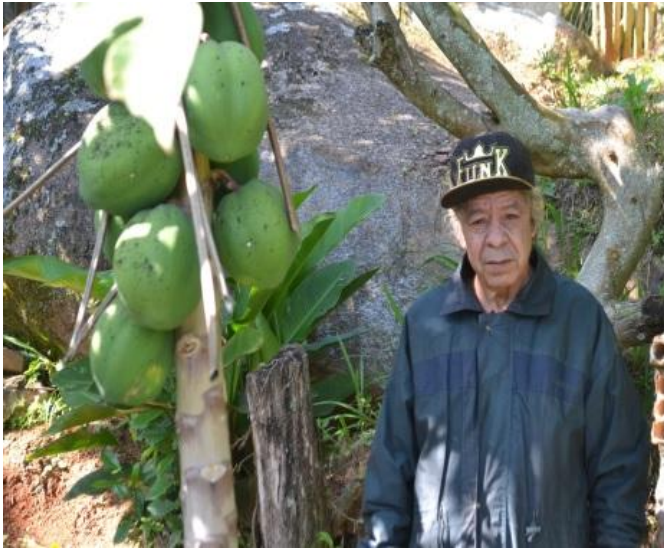


Figura 2: Tio loro e pé de mamão.



Figura 3: frutos coletados na agrofloresta.



Figura 4: Alicerce de residência demolida e trilha principal.



Figura 5: Jussara (*Euterpe edulis*)



Figura 6. Imagem do mirante